

Resenha

CÁRDENAS, Freddy Orlando Espinoza. **La Vorágine de Euclydes da Cunha**. Manaus: EDUA, 2014.

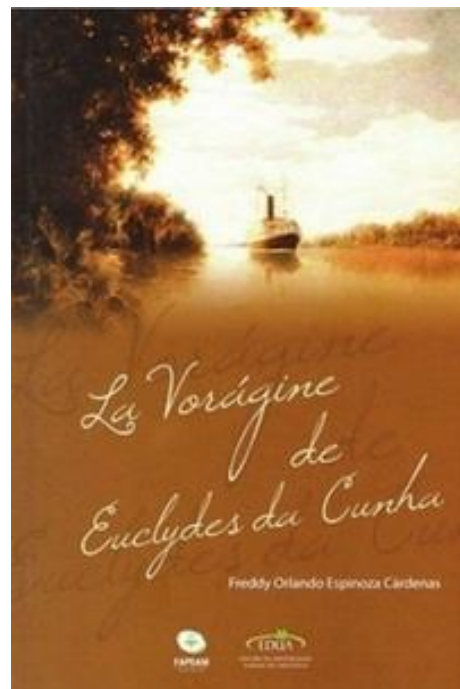
As representações de Amazônia nas obras de Euclydes da Cunha e José Eustasio Rivera

Carmentilla Martins¹

A inserção dos historiadores em outros campos disciplinares resultou numa diversidade de fontes, tomadas como fragmentos com os quais o historiador poderia vir a construir uma versão do real. O desdobramento mais visível dessas inovações metodológicas foi a emergência de uma variedade de objetos de estudos e a ampliação do resgate de memórias coletivas e individuais. Descortinaram-se novos horizontes interpretativos acerca de contextos socioculturais em diferentes temporalidades e espacialidades.

Assim sendo, pontua-se que um frutífero diálogo foi estabelecido entre História e Literatura, disciplinas que a primeira vista se aproximavam pela textualidade. Essa proximidade, contudo, avançou para além do estilo textual e chegou-se a concepção de que narrativas históricas e literárias são distintas somente pela aplicação das categorias de verdade e ficção, conforme o pressuposto de que o historiador está comprometido com o fato real e o literato com o fato fictício.

Nessa perspectiva apresenta-se o livro *La Vorágine de Euclydes da Cunha* de Freddy Orlando Espinoza Cárdenas, por entender que sua reflexão ajuda o leitor e estudioso a perceber como textos literários são fontes surpreendentes para interpretar modos de pensar, sentir e viver coletivos. Para Cárdenas, as obras *A Margem da História* (1909) do escritor brasileiro Euclydes da Cunha e *La Vorágine* (1924) do escritor co-



¹ Doutora em Ciências Sociais. Professora na Universidade Federal do Amapá. Desenvolve pesquisas sobre sociabilidades em cidades fronteiriças. Tem publicações sobre a cooperação transfronteiriça franco-brasileira e a relação desse arranjo de política internacional com as práticas sociais dos moradores da cidade de Oiapoque na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.

lombiano José Eustasio Rivera – mesmo que sejam caracterizadas por idiossincrasias – foram produzidas em mediações sociais e, nesse sentido, possibilitam desvelar como a realidade amazônica era representada ao iniciar-se o século XX.

Euclides da Cunha e José Eustasio Rivera foram escritores que estiveram inseridos em comissões institucionais do Brasil e da Colômbia no decorrer do processo de demarcação de limites e fronteiras na tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia. Cárdenas afirma que ambos foram poetas, diplomatas, políticos, mas também habitantes temporários nos "sertões amazônicos". Por conta disso, Cárdenas alega que os pensamentos, os sentimentos e as atitudes desses dois indivíduos – na relação que mantêm com o mundo natural amazônico – transformaram seus escritos em interpretações sobre a realidade histórica dessa região.

Além das duas obras de referência, Cárdenas também recorreu a dissertações produzidas no âmbito do Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Igualmente, valeu-se do acervo de documentos diplomáticos sobre a Amazônia, catalogado e organizado pelo professor Carlos Zárate, da Universidade Nacional da Colômbia/Sede Amazônia. O livro de Cárdenas organiza-se em seis partes, uma introdução, quatro capítulos analíticos e o epílogo. A análise é desenvolvida em Confrontos e Contrastes, História e Literatura, Barbárie e Civilização e Imanência e Transcendência.

No capítulo Confrontos e Contrastes, surgem as semelhanças e as diferenças entre as obras de Euclides e Rivera, com ênfase as primeiras. Nessa direção, Cárdenas indica que, para ambos, os governos do Brasil e da Colômbia relegaram a região amazônica ao abandono, e que na Amazônia haveria maiores chances de se desenvolverem interesses alheios aos das nações brasileira e colombiana. Também é ponto comum no pensamento dos autores que a Amazônia é uma “terra de promessa para seus países [...] que esta região constituir-se-ia numa grande reserva para o desenvolvimento de suas respectivas nações”. (CÁRDENAS, 2014, p. 21).

Ainda que Euclides e Rivera acreditassem que o progresso da Amazônia passaria pela luta entre homem e natureza – numa clara analogia ao paradigma vigente nos oitocentos, que afirmava ser a natureza a dimensão dos constrangimentos, enquanto seria a civilização a dimensão das liberdades – suas percepções sobre o desenvolvimento da civilidade no homem amazônico diferiam: pois para Euclides o homem amazônico seria resgatado da animalidade pela racionalidade; enquanto que para Rivera o ho-

mem para dominar a animalidade decorrente da vida na selva deveria recorrer imperiosamente à violência.

No que se refere a presença de seringueiros brasileiros e de caucheiros peruanos durante a ocupação do espaço amazônico Euclydes da Cunha e Eustasio Rivera consideram que esses atores “... resultavam em verdadeiros apóstolos da civilização” (CÁRDENAS, 2014, p. 22).

A distinção entre as concepções de Euclydes e Rivera se encontra na justificativa da dinâmica ocupacional, pois para o primeiro tratava-se da ocupação de terras desertas e esquecidas, enquanto para o segundo as terras da Amazônia estavam ocupadas. Ou seja, para Euclydes a ocupação da Amazônia é semelhante a marcha para o oeste na América do Norte, enquanto no pensamento de Rivera a Amazônia é uma terra prometida.

Para Cárdenas, Euclydes da Cunha e Eustasio Rivera buscavam com seus escritos plasmar o homem brasileiro e o homem colombiano na região amazônica, e nessa direção ressalta que:

Euclydes e Rivera, não só procuraram ser atalaias, senão também profetas de seus países, profetas que denunciaram injustiças nessas terras incógnitas, nas quais plasmaram conhecimentos, a fim de descortinar esse tortuoso deserto amazônico em suas elucubrações *in loco* sobre o que seria a região. Portanto, construíram um tratado sobre temas amazônicos, porém acentuando as peculiaridades ontológicas que tinham ambos sobre o amazônida, a fim de ter um conhecimento da relação do homem com a natureza (CÁRDENAS, 2014, p. 30, grifo do autor).

Em História e Literatura, Cárdenas pontua haver uma relação de cumplicidade entre esses dois campos nas obras de Euclydes e Rivera, já que ambos recorrem a Literatura para manifestar ideais e visões sobre a Amazônia, ao mesmo tempo em que acreditavam estar fazendo História. Nas obras, os conteúdos históricos são distribuídos de maneira não linear e as lacunas decorrentes desse procedimento de construção textual são preenchidas com imaginação realista a respeito do que poderia ter acontecido com os personagens/atores.

Cárdenas percebe que Euclydes e Rivera preocupavam-se em estabelecer nexos com a realidade, ainda que Euclydes estivesse mais comprometido com a veracidade, já que seu texto recorria mais aos escritos científicos vigentes à época. Rivera se decidiu pela ficcionalidade, mas utilizou documentos jurídicos e correspondência diplomática para conferir maior cientificidade a seu texto. Cárdenas assegura que a mistura entre

História e Literatura presente nas obras resulta da certeza que ambos tinham de que nem a ficção literária, nem o discurso científico abrangeriam por completo a complexidade do contexto social, cultural e natural da Amazônia.

Nas obras de Euclides e Rivera a luta entre homem e natureza revela o enfrentamento entre Civilização e Barbárie, capítulo no qual Cárdenas argumenta quanto aos esforços de Euclides e Rivera para constituir e fazer prevalecer uma concepção de Amazônia como espaço favorável ao desenvolvimento da nação. Os registros dos autores se objetivam em prosa de ficção no caso de Eustasio Rivera e em texto mais científico caso de Euclides da Cunha. Mas, nas percepções desses autores não seriam as populações nativas – indígenas e caboclos – os arautos desse processo. Isso devido serem consideradas incapazes de transformar a Amazônia em terra de progresso. Quanto a esse argumento, cumpre chamar atenção para a afirmação que Cárdenas sobre etnocentrismo de Euclides e Rivera, que qualificam os indígenas como membros de “uma sociedade rudimentar, [que] possuem espírito acanhado e traiçoeiro, sem princípios morais, sem instrução, vivendo dissolutamente a seu livre arbítrio, sem a disciplina das leis” (CÁRDENAS, 2014, p. 61).

Os portadores das características necessárias ao domínio do meio natural com a superação da barbárie eram os seringueiros brasileiros e os caucheiros peruanos, esses mestiços conseguiriam abrir caminho para a civilização. Essa concepção é próxima àquela construída por Capistrano de Abreu. Em sua interpretação sobre o desenvolvimento social brasileiro durante o período colonial, Capistrano de Abreu afirma que os brancos europeus e os negros africanos eram indivíduos estrangeiros e, por conta disso, a construção da nação brasileira era competência do homem sertanejo, mestiço com ancestralidade indígena.

Cárdenas alega que Euclides e Rivera percebem a Amazônia como lugar onde a batalha entre civilização e barbárie – homem e natureza – é tanto mais intensa quanto contínua. Para Euclides a natureza amazônica é obra inacabada, misteriosa e espectral, e nessa perspectiva converte-se em realidade que apequena e amedronta o homem. Para vencer a luta contra a natureza e a barbárie deve o homem utilizar a razão. Cumpre ressaltar que ambos os escritores denunciam a situação de abandono e precariedade a que estão submetidos os habitantes da Amazônia, sendo constante a omissão do Estado nessas terras inóspitas de fronteiras.

Em Imanência e Transcendência, Cárdenas reflete sobre a amizade intelectual entre Euclides e Rivera, ainda que objetivamente nunca tenham se encontrado. Em ver-

dade, Euclides da Cunha desconhecia a existência de Rivera. Mas é nessa ausência de materialidade da amizade entre os dois escritores que Cárdenas percebe os mais estreitos vínculos que os unem como cúmplices intelectuais na produção de conhecimentos sobre a Amazônia. Como Rivera estudara a obra de Euclides é ele “o criador da relação entre amigos que nunca se conheceram materialmente: *“siempre nos veíamos, nunca nos tuteábamos”* (CÁRDENAS, 2014, p. 69, grifos do autor)

A transcendência encontra-se na ausência que se converte em certeza da presença. Rivera escreve tendo como interlocutor Euclides, que, mesmo ausente, torna-se presente e passa a atuar por meio de Rivera, estando ambos imersos numa mesma realidade: a amazônica. Cabe chamar atenção ao argumento de Cárdenas de que Euclides,

à medida que é lembrado no relato de Rivera, necessariamente age n’*Outro*. Nisso são afetados por uma mesma adequação, causando, de algum modo, o pensamento d’*Outro*. Neste sentido, o relato riveriano constitui uma recriação do que poderia ter sido um texto de Euclides, a obra que nunca se concretizou. (CÁRDENAS, 2014, p. 70, grifos do autor).

Nessa análise, Cárdenas argumenta que Euclides da Cunha em seus escritos é transcendental, sendo esse conhecimento acessado por Eustasio Rivera, que passa ele mesmo a constituir um arcabouço de conhecimentos sobre a Amazônia. A amizade e afinidade intelectual entre Euclides e Rivera somente pode ser concebida nos limites da experiência do possível. Assim sendo, a relação entre Euclides e Rivera é tanto imanente quanto transcendente: transcendente em sua qualidade de estabelecer vínculos entre ideias e sensações, mesmo que pensadas e sentidas em experiências acontecidas em diferentes temporalidades e espacialidades; imanente porque as representações que esses autores produziram sobre fatos históricos e/ou fatos fictícios, efetivados ou idealizados na complexa realidade amazônica não podem ser apreendidas sem a remissão aos seus autores.

No epílogo, Cárdenas encerra sua análise reforçando a tese dos esforços intelectuais de Euclides da Cunha e José Eustasio Rivera tanto em descrever quanto em denunciar as precárias e bárbaras condições de vida a que estavam submetidas às populações amazônicas. A partir de suas experiências como diplomatas, políticos e membros de comissões de demarcação de limites e fronteiras na tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia esses escritores construíram categorias para pensar a realidade amazônica. Nessa tarefa, se revelaram poetas, pois para além da racionalidade, eles apreenderam a

Amazônia com sentimentos, vivenciaram sensações que o mundo natural provoca em todos aqueles que são desafiados por seus mistérios.

A Amazônia já provocou e ainda provoca desespero, fascínio, medo, admiração, respeito e desprezo. A leitura de *La Vorágine de Euclydes da Cunha* de Freddy Orlando Espinoza Cárdenas é inspiradora para todos que desejem compreender os atuais "confrontos e contrastes" presentes nessa região. Acredita-se que o leitor ao chegar ao epílogo é tomado pela certeza de que o candidato à intérprete de Amazônia precisará de algo mais que "História", precisará da "Literatura". Sendo esse diálogo interdisciplinar aquilo que habilitará o intérprete a capturar os atributos com os quais Euclydes e Rivera qualificam a realidade da Amazônia.

Ao olhar para a Amazônia na contemporaneidade enxergam-se cidades, onde prevalecem estilos de vida conforme os padrões definidos pela "civilização" do mundo da globalização. Mas, ao deslocar o olhar para os lados se verifica a "barbárie", que se faz presente no descaso do poder público em relação aos indígenas e as populações tradicionais, ou nas sangrentas lutas pela posse da terra, ou ainda na exploração sem controle do patrimônio natural. Contudo, é na "transcendência" da relação entre Euclydes e Rivera – que nunca se conheceram pessoalmente – que se encontra a "imanência" das representações que esses dois escritores construíram sobre a Amazônia.

Mas não é da alucinação nem da razão que surgirá um legítimo conhecimento sobre a Amazônia. Acredita-se que a inteligibilidade de suas verdades e de seus segredos surgirá do interesse em construir concepções sobre a cultura regional, na qual sejam visíveis os atores em suas interpenetrações no devir histórico.

Resenha recebida em: 01.04.2015

Aprovado em: 30.06.2015